Agricultura X Indústria



De janeiro a setembro de 2003, foram abertos 497.347 postos de trabalho no interior de nove Estados do Brasil

EVARISTO MARZABAL NEVES
LUCIANO RODRIGUES

As cadeias produtivas do agronegócio estão entre as maiores geradoras de empregos da economia, não somente por envolver muitos agentes econômicos, mas principalmente por operar com vidas (vegetal e animal) no espaço "dentro da porteira", em que as relações biológicas estabelecidas requerem maiores cuidados e uso mais intensivo de serviços de mão-de-obra. As explorações hortifrutícolas, em especial, são as mais exigentes em mão-de-obra, pois predominam em sua condução sistemas de produção de trabalho intensivos, desde o plantio, passando pelos tratos culturais e chegando até a colheita.

Como a saúde do agronegócio vai bem, impulsionada pelo sucesso das exportações e o superávit crescente na balança comercial, o emprego no setor primário aumenta. Pesquisa da CAGED/MT (Cadastro Geral de Empregos e Desempregos/Ministério do Trabalho) revela que, de janeiro a setembro de 2003, foram abertos 497.347 postos de trabalho no interior de 9 Estados (Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará, Ceará, Pernambuco e Bahia). Os destaques couberam para São Paulo, com a criação de 249,6 mil empregos; Minas Gerais, com 85,3 mil, e Paraná, com 72,9 mil vagas preenchidas, enquanto os setores mais impulsionados, pela ordem, foram a agricultura, a pecuária, a indústria de alimentos, bebidas e álcool, de calçados, o comércio varejista e os serviços (transporte, imóveis e comunicação).

Bom negócio

Para os técnicos da CAGED, o dinamismo do agronegócio se espalha nas regiões do Brasil, favorece a instalação e o deslocamento para o interior do País de suas empresas. Para Silvia Freire, da *Folha de S. Paulo*, "se comer é essencial, produzir alimentos é sempre um bom negócio. A indústria alimentícia, pelo próprio crescimento vegetativo do mercado interno, também aumenta. E como os alimentos são essenciais para a subsistência humana, o setor alimentício é o último a entrar em crise e o primeiro a sair dela".

As estatísticas do Ministério do Trabalho mostram que o emprego formal, fora das grandes regiões metropolitanas, cresce mais no interior do que nas grandes cidades, devido aos seguintes fatores:
1) a agricultura ter se transformado em um dos setores mais ativos da economia e, dessa forma, atrair empresas, como as de fertilizantes, defensivos, máquinas agrícolas etc.;
2) as empresas de alimentos e serviços



montarem suas instalações no interior, face ao menor custo e à saturação das regiões metropolitanas;
3) o aumento do número de carteiras assinadas, em função da fiscalização mais intensiva do governo;
4) os incentivos fiscais para uma empresa se instalar no interior.

Segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária (CNA), no primeiro bimestre de 2004, nos empregos formais de carteira assinada, o saldo gerado foi de 25.159, resultado da contratação de 170.097 trabalhadores e da demissão de 144.938. Foi o maior saldo registrado nos últimos quatro anos. Em igual período de 2003, o superávit foi de 18.400. Na safra de 2003/2004, no período de plantio, de junho a outubro, o saldo de empregos formais no campo foi de 220 mil.

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) projeta uma geração de 1,32 milhão de empregos em 2004, distribuídos da seguinte forma: cerca de 400 mil para postos de trabalho diretos no campo; outros 340 mil em empregos indiretos, em toda a cadeia produtiva, e 580 mil vagas geradas como conseqüência do efeito da renda agropecuária em outras áreas da economia, como a indústria de construção civil, têxtil, automobilística e o comércio. O estudo do BNDES (1993, coordenado por Sheila Najberg, do Depto. Econômico) ajuda a entender melhor esses números.

Emprego	Conceito
Direto	Mão-de-obra que eleva a produção (por exemplo: um tratorista, cujo salário depende de seu trabalho direto na produção no campo);
Indireto	Gerado pelo aumento da produção de um bem, na prestação de serviço eventual (por exemplo: um caminhoneiro no transporte da zona de produção aos portos, em função do aumento das exportações, pode transportar outro produto, inclusive, industrial);
Efeito-renda	Gerado a partir do consumo de outros produtos.

O setor automobilístico apresenta menor potencial de geração de empregos, com a injeção de R$10 milhões na produção, com 361 empregos, sendo 15 diretos, 126 indiretos e 220 pelo efeito-renda (os salários pagos são mais elevados e causam impacto na demanda em outros setores). Já o setor de construção civil (16º setor na geração de empregos), considerado gerador de empregos, cria mais empregos diretos (185) do que indiretos (95); porém, emprega mão-de-obra menos qualificada e com baixos salários, com impacto reduzido na economia.

Os setores geradores de poucos empregos diretos tendem a apresentar maior efeito-renda, devido aos salários e benefícios maiores. Os setores primários (a agricultura, principalmente) e terciários (serviços prestados à família e ao comercio) geram mais empregos diretos, que superam o somatório dos empregos indiretos e os provenientes do efeito-renda. O setor agropecuário gera mais empregos diretos no campo (496 vagas), que ultrapassa os empregos indiretos (157) e do efeito-renda (333). Já o comércio gera 467 empregos diretos, 89 indiretos e 301 advindos do efeito-renda.

A agricultura gera maior quantidade de empregos diretos, pois trabalha com seres vegetais e animais, que requerem maiores cuidados. É uma indústria a céu aberto, sujeita às condições edafoclimáticas e exigente em termos de mão-de-obra. Identicamente, os setores mais fortes em pequenos estabelecimentos, diante da dimensão e tecnologia capital intensiva do setor industrial e os de serviços prestados à família e ao comercio, exigem mão-de-obra menos qualificada e pagam salários menores; dessa forma, apresentam maior participação no aumento de empregos diretos quando ocorre aquecimento da demanda e do crescimento econômico. Por sua vez, seus impactos são menores, relativamente, na geração de empregos advindos de seu efeito-renda.

Quando a análise da geração de empregos se estende para o agronegócio, não resta dúvida de que, pelo fato de ser a cadeia agroalimentar a mais longa, a geração de empregos (diretos, indiretos e pelo efeito-renda) é maior, se imaginarmos todos os elos da cadeia, desde o P&D nas estações experimentais, universidades e institutos de pesquisas, indústria de suprimentos de insumos e materiais (fertilizantes, defensivos, máquinas, sementes, rações, embalagens etc.) até chegar ao consumidor (nacional e internacional).

Ao longo da cadeia, existe grande envolvimento de relações biológicas e mecânicas, alongando e estendendo, quantitativamente, os canais de comercialização, e contando, ainda, no fim da cadeia, com elevado número de equipamentos varejistas. Daí vem uma das justificativas do esforço brasileiro de colocar nas mesas de conversação e negociação (OMC, ALCA, Mercosul-Unidade Européia etc.) a agricultura e o agronegócio em destaque, pois todas as barreiras comerciais (tarifárias e não-tarifárias; principalmente, o protecionismo por meio de subsídios nacionais e às exportações) prejudicam o acesso ao mercado e afetam, substancialmente, a formação de renda e de capital do País, interferindo negativamente na geração de empregos e de divisas nos Estados produtores, com impactos distorcidos no setor primário. ■

Geração de empregos (diretos, indiretos e pelo efeito-renda) – Setores da economia com aumento de R$10 milhões na produção

	Geração de empregos			
Setor	diretos	indiretos	efeito-renda	Total
Serviços à família	625	118	338	1081
Agropecuário	496	157	333	986
Comércio	467	89	301	857
Vestuário	449	164	272	885
Madeira e mobiliário	338	257	319	914
Construção civil	185	95	295	575
Elementos químicos	20	228	314	562
Automobilístico	15	126	220	361
Siderurgia	13	161	282	456
Petróleo e gás	13	95	356	464

Fonte: BNDES, 2003 (pesquisa coordenada por Sheila Najberg – Depto. Econômico).
Obs.: valores ordenados de forma decrescente em relação aos empregos diretos.